

O amor tem classe?

Conceitos como hipergamia e hipogamia ajudam a entender como dinheiro, poder e padrões sociais ainda moldam as escolhas amorosas



POR JÚLIA CHRISTINE*

Escolher um parceiro parece, à primeira vista, uma decisão guiada apenas por sentimento, afi-nidade e aquela forte atração. Mas, na prática, essa escolha também é atravessada por fatores sociais como renda, escolaridade, status e até expectativas culturais sobre o papel de homens e mulheres. É nesse contexto que entram dois conceitos pouco conhecidos fora do meio acadêmico, mas bastante presentes no cotidiano: a hipergamia e a hipogamia.

A hipergamia ocorre quando uma pessoa busca ou se relaciona com alguém considerado “acima” em algum aspecto, geralmente financeiro, educacional ou social. Já a hipogamia é o movimento contrário, quando alguém se envolve com um parceiro que ocupa uma posição “inferior” nesses critérios. Embora pareçam apenas classificações teóricas, esses conceitos ajudam a entender padrões que se repetem há décadas nos relacionamentos.

Historicamente, a hipergamia foi mais comum entre mulheres. Isso não acontecia por acaso, mas por uma questão estrutural, pois, durante muito tempo, elas tiveram menos acesso à educação, ao mercado de trabalho e à independência financeira. Nesse cenário, relacionar-se com um homem com mais recursos significava mais segurança e estabilidade. Ao mesmo tempo, consolidou-se a ideia de que o homem deveria ser o provedor, enquanto a mulher era associada a atributos como juventude e beleza.

Com o passar dos anos, esse cenário começou a mudar. Hoje, as mulheres estudam mais, ocupam mais espaços no mercado de trabalho e conquistaram maior autonomia financeira. Como consequência, aumentaram também os casos de hipogamia — relações em que a mulher tem maior renda, escolaridade ou status que o parceiro. Ainda assim, essa mudança não aconteceu de forma completa nem sem conflitos.

Para o filósofo Renato Nogueira, é um erro pensar que o amor acontece de forma isolada da sociedade.

“As relações amorosas nunca acontecem num campo neutro. As pessoas não se apaixonam fora de condições históricas e sociais”, afirma. Segundo ele, fatores como gênero, raça e classe influenciam diretamente não só as escolhas, mas também a forma como as pessoas se percebem dentro de uma relação. Além disso, o filósofo destaca que essas influências não são apenas individuais, mas fazem parte de estruturas simbólicas mais amplas, que ajudam a definir o que é considerado desejável em cada época.

Isso ajuda a entender por que, mesmo com tantas transformações, padrões antigos continuam aparecendo. “Durante séculos, o casamento foi muito mais um arranjo econômico e político do que uma escolha por afeto”, explica. Embora o amor romântico tenha ganhado espaço, ele ainda convive com expectativas tradicionais, como a ideia de que o homem precisa sustentar e a mulher precisa corresponder a um ideal estético. Essa lógica se insere em um modelo de relacionamento ainda marcado por padrões